



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS E SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ednardo de Oliveira Costa

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
INFANTIL E FUNDAMENTAL I: IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DO
DISCENTE**

NATAL/RN
2015

EDNARDO DE OLIVEIRA COSTA

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
INFANTIL E FUNDAMENTAL I: IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DO
DISCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Educação Física da Universidade
Federal do Rio Grande do Norte para
obtenção do título de Licenciado em
Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Antônio de Pádua
dos Santos

NATAL/RN
2015

Costa, Ednardo de Oliveira.

Estágio supervisionado de Educação Física no Ensino Infantil e Fundamental I: implicações na formação do discente / Ednardo de Oliveira Costa. - Natal, 2015. 34f: il.

Orientador: Prof. Dr. Antônio de Pádua dos Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

1. Aprendizagem significativa - TCC. 2. Escola - TCC. 3. Estágio supervisionado - TCC. 4. Formação docente - TCC. I. Santos, Antônio de Pádua dos. II. Título.

RN/UF/BS-CCS

CDU 796.011:37

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ATA DE REALIZAÇÃO DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC - II)

Aos dias 30 do mês de novembro do ano de 2015, reuniram-se na Sala I do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a Banca Examinadora formada pelos professores Prof. Dr. Antônio de Tádua Santos, Prof. Dr. Moaldemar Freire D. Jr. e Prof. Dr. Mackson Lino Fernando da Lata. Sob a presidência do primeiro, com o objetivo de avaliar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação de Educação Física Licenciatura elaborado pelo(a) acadêmico(a) Edoardo de Oliveira Costa sob a orientação do professor(a) Prof. Dr. Antônio de Tádua Santos cujo tema versou sobre Eptasia supervisionada de educação física na prática informal e fundamental I e implicações na formação do docente.

A referida defesa teve seu início às 15h e término às 16 horas.

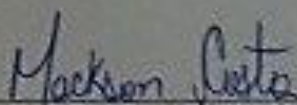
Após a exposição realizada pelo(a) acadêmico(a), os membros da Banca Examinadora expuseram suas arguições e após reunião apresentaram o parecer () Favorável (X) Desfavorável à aprovação do trabalho.

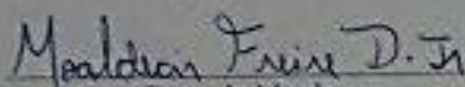
Observações:

A banca penaliza as divergências elencadas durante as arguições sobre a escrita, normas da ABNT e alterações metodológicas.

Natal-RN, 30 de novembro de 2015


Presidente da Banca Examinadora


Primeiro Membro


Segundo Membro

Aos meus pais, Edna Gonçalves de Oliveira e Raimundo Nonato Macário Nunes; ao meu irmão, Erickson de Oliveira Costa; avós, Cícera Maria de Oliveira e Abrão Gonçalves de Oliveira; e a toda família e amigos que me apoiam e me dão forças.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar forças e ânimo diante das dificuldades e obstáculos superados.

À minha família – pais, avós, noiva e minhas cunhadas, que sofrem diante das minhas angústias e decepções, mas nunca deixa de me apoiar nas decisões difíceis.

À minha tia Lucy e meu tio Gervásio, que cuidam de mim desde sempre, minha segunda casa e todos os tios e tias que acreditam no meu potencial, aos meus primos e primas.

À minha amiga Francisca Nazaré Liberalino e família.

Ao meu professor orientador, Antônio de Pádua dos Santos, ao supervisor Moaldecir Freire Domingos Júnior e demais professores que me orientaram tanto academicamente como pessoalmente para enfrentar a vida.

A todos os amigos, em especial Alex Gandour, Allan Carlos, Dayane Cunha, Marcos Adler, Marcos Felipe, Moises Maia, Tiago Luis e aos integrantes da Incubadora OASIS, que estão do meu lado independentemente da situação e da dificuldade.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a relação entre a escola e as práticas realizadas pelo estagiário e a aprendizagem gerada por esta ação na formação de um futuro docente. Apresenta uma abordagem qualitativa descritiva da narrativa do estudo de caso em uma pesquisa participativa. O universo será os estagiários do curso de Licenciatura em Educação Física e a amostra será minha narrativa sobre a prática do estágio supervisionado, analisada com base teórica em Paulo Freire, com foco na formação do discente em Educação Física, relacionando o estágio, a escola e a formação inicial na docência. A partir da realização do Estágio supervisionado II no Núcleo de Educação da Infância – Colégio de Aplicação (NEI-CAP) foi possível refletir e participar de práticas pedagógicas inovadoras que incentivam a aprendizagem de forma autônoma, crítica e participativa.

Palavras-chaves: Estágio supervisionado. Formação docente. Escola. Aprendizagem significativa.

ABSTRACT

The work aims to reflect on the relationship between the school and the practices carried out by the trainee and learning generated by this action in the formation of a future teacher; It presents a descriptive qualitative approach to the case study of narrative in participatory research. The universe will be the course trainees of Physical Education degree and the sample will be my narrative about the practice of supervised training. It was analyzed with theoretical based on Paulo Freire's narrative Supervised Internship II in Childhood Education and Elementary I in the Children's Educational Center, focusing on training of students in physical education, relating the stage, the school and the initial training in teaching. From the realization of supervised Stage II in the Núcleo de Educação Infantil – Colégio de Aplicação (NEI-CAp) it was possible to reflect and participate in innovative teaching practices that encourage learning autonomously, critical and participatory.

Keywords: Supervised training. Teacher training. School. Meaningful learning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pátio principal do NEI e entrada para salas de aulas	18
Figura 2 –Brincadeira coelho sai da toca.	23
Figura 3 – Lutas de espadas, 1º ano do fundamental.	24
Figura 4 – Desenho da quadra de basquete para ser explicadas a dinâmica da aula e materializar o tema proposta.	25
Figura 5 –Basquete, 2º A do Ensino Fundamental	26
Figura 6 – Salto em altura	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DA LITERATURA	12
2.1 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: SER PROFESSOR	12
2.2 ESCOLA CIDADÃ	15
3 O ESTAGIÁRIO E A ESCOLA	18
4 O ESTAGIÁRIO E O SUPERVISOR	21
4.1 ENSINO INFANTIL	21
4.2 ENSINO FUNDAMENTAL	23
5 AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

A partir da realização do Estágio Supervisionado II, no Núcleo de Educação da Infância – Colégio de Aplicação (NEI-CAp), foi possível refletir sobre as práticas pedagógicas inovadoras que incentivam a aprendizagem de forma autônoma, crítica e participativa, válidas aos educandos e também aos educadores, estes sendo desafiados em sua formação e desafiando os educandos na construção de uma aprendizagem sistemática e inclusiva.

Pimenta e Lima (2004) afirmam que o Estágio é onde o aluno irá relacionar a teoria e a prática adquirida na formação inicial para poder enfrentar a realidade escolar, a fim de melhor compreender o sistema de ensino, as políticas públicas referentes à educação e à prática social. Ademais, no Estágio vivencia-se uma experiência próxima da realidade, tida como parâmetro para o futuro professor realizar suas práticas e seu posicionamento perante o sistema educacional.

O Estágio Supervisionado Curricular, para Santos (2005), constitui-se como uma relevante oportunidade de formação contínua da prática pedagógica quando abordado de forma integrada com as disciplinas teóricas. Trata-se, na perspectiva desse autor, como um espaço que permite ao professor adquirir competências que irá contribuir para o seu fazer profissional.

A escola escolhida para a concretização deste trabalho, O Núcleo de Educação da Infância – NEI, foi definido como pré-escola e começou a funcionar em 04 de junho de 1979, atendendo crianças na faixa etária de 1 ano e 8 meses a 2 dois anos e 6 meses aos 5 anos e 11 meses de idade. Em 2008, o ingresso das crianças foi ampliado para a comunidade em geral e em 2010 ampliou a oferta de ensino para a educação básica, com a implementação do Ensino Fundamental.

Outrossim, o NEI-CAp é uma instituição que utiliza aulas abertas, já que “as concepções de ensino são abertas quando os alunos participam das decisões em relação aos objetivos, conteúdos e âmbitos de transmissão” (HILDERBRANT e LAGING *apud* HILDEBRANT, 2013 p.365). Para melhor definir o conceito de aulas abertas temos as palavras de Kunz (2004, p. 34):

[...] liberdade de agir e descobrir formas de movimento individualmente significativas; conhecer e interpretar o contexto objetivo em que se realizam as atividades, bem como a si próprio e os outros envolvidos nas atividades; participar nas decisões e soluções das atividades sugeridas e apresentadas; por fim, desenvolver a capacidade de autonomia ou

emancipação pelas atividades, aceitando sempre diferentes soluções para cada atividade sugerida.

Quanto a sua pedagogia, NEI-CA desenvolve atividades que sejam significativas, centradas na curiosidade, interesses, necessidades e possibilidades da criança, ajudando-a no avanço efetivo do seu processo de desenvolvimento global. “O fator mais importante que influi na aprendizagem é aquilo que o aluno já sabe. Isto deve ser averiguado e o ensino deve depender desses dados” (MIRAS, 2006. p.66).

Os alunos do Ensino Fundamental Regular, foco desta pesquisa, são crianças e adolescentes de faixas etárias cujo desenvolvimento está marcado por interesses próprios, relacionado aos seus aspectos físico, emocional, social e cognitivo, em constante interação. Como sujeitos históricos que são, as características de desenvolvimento dos alunos estão muito relacionadas com seus modos próprios de vida e suas múltiplas experiências culturais e sociais. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, a criança desenvolve a capacidade de representação, indispensável para a aprendizagem da leitura, dos conceitos matemáticos básicos e para a compreensão da realidade que a cerca, conhecimentos que se postulam para esse período da escolarização.

Com a vivência do estágio supervisionado II surgiu a questão: Qual a relação entre o estágio supervisionado em educação física, a escola e o processo de formação inicial na docência? Com base nesse questionamento analisou-se, de forma crítica-reflexiva, os processos realizados e registrados no relatório. Assim, o presente trabalho tem por objetivo refletir e analisar as relações entre a escola e as práticas realizadas pelo estagiário e a aprendizagem gerada por esta ação na formação de um futuro docente.

Sendo justificado com bases nas ideias de que os primeiros contatos com a docência através dos estágios supervisionados têm caráter formativo primordial para o futuro profissional, corroborando com o autor Paulo Freire (1996, p. 26) temos: “Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo”. A esse respeito, também afirma Pimenta (2004, p.127):

[...] o estágio passa a ser um retrato vivo da prática docente e o professor-aluno terá muito a dizer, a ensinar, a expressar sua realidade e a de seus colegas de profissão, de seus alunos que nesse mesmo tempo histórico vivenciam os mesmos desafios e as mesmas crises na escola e na sociedade. Nesse processo, encontram possibilidades para resignificar suas identidades profissionais, pois esta com vimos, não são algo acabado.

Como metodologia, o estágio foi dividido em seis horas de reuniões com o coordenador do estágio, com a finalidade de conhecimento das normas referente ao estágio, das instituições conveniadas e dos procedimentos para avaliação, planejamento das atividades e avaliação continuada do processo. Além disso, contou-se com sessenta horas de encontros com o supervisor de campo e realização das atividades previstas no plano de estágio, seis horas na elaboração do relatório de estágio e, por fim, quatro horas na apresentação coletiva na forma de seminário. O período de visitas teve início no dia 22 de agosto de 2014 e foi finalizado no dia 12 de dezembro de 2014.

Com este estudo foi possível experimentar práticas pedagógicas inovadoras e refletir sobre minha formação docente com aporte teórico e prático, sendo um avanço no tema sobre a formação docente, focando nas relações entre o estagiário, a escola e as aprendizagens geradas no processo. Ademais, contribuiu com uma das funções do Neicap, que é a formação docente com a sua comunidade, através deste registro e do artigo produzido ao final das intervenções.

O estudo apresenta uma abordagem qualitativa, descritivo da narrativa do estudo de caso, orientando-se por Severino (2007).

O universo será os estagiários do curso de Licenciatura em Educação Física e a amostra será minha narrativa sobre a experiência vivida no estágio supervisionado II. Para tanto, recorre-se a base teórica de Paulo Freire, com foco na formação do discente em Educação Física, relacionando o processo de estágio, a escola e a formação inicial na docência em três capítulos: *O estagiário e a escola*, *O estagiário e o supervisor eo processo de Avaliação do estágio*.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: SER PROFESSOR

Os estudos pesquisados referentes à formação do docente geralmente citam o resgate de memória da infância na escola como um dos fatores que influenciam na postura do futuro docente. Kenski (2008) é uma das autoras que relata em sua literatura a necessidade de refletir sobre o primeiro contato com a escola. Tanto ela quanto seus alunos da disciplina Estágio Supervisionado, ainda que superficialmente, percebem que o fator emocional converge em todos os relatos relacionado à prática profissional docente. Partindo deste princípio, tornam-se claras as dificuldades que são enfrentadas pelos docentes recém-formados quando começam a atuar em sala de aula, visto que muitos professores são meros reprodutores da sua vivência na escola, reflexo do período em que foi aluno.

Nessa perspectiva, o estágio tem o papel fundamental na mudança de comportamento do ex-aluno do ensino básico, agora aluno no nível superior e futuro docente, que se vê diante da disparidade: práticas vividas (boas ou más) x teoria estudada na universidade. O estágio apresenta-se, a partir disso, como o laboratório de suas experiências e de sua relação professor-aluno.

Segundo Kenski (2008), o processo de reconhecimento e distinção perante situações novas é um processo comum na formação do sujeito, porém as pessoas não tomam conhecimento desse processo, não se colocam criticamente diante do modelo adquirido anteriormente com seus professores no ensino básico, refletindo na atuação docente atual os mesmos ensinamentos de outrora.

Uma vez que as pessoas diferem quanto histórias, tempo, espaço e o momento sociopolítico-cultural, o aspecto da identidade profissional é apenas um dos pontos no qual o estágio supervisionado auxilia na formação docente. Quando analisado e discutido de forma crítica e reflexiva, pode-se constatar inúmeros aspectos teóricos e práticos de ensino-aprendizagem, pedagógico e produção do saber, além do aspecto social na formação dos futuros profissionais. Dentre os vários aspectos da prática do estágio supervisionado, a formação de um professor crítico se destaca para sua atuação como docente. Sobre isso Ghedin *et al* (2008, p.34) ressaltam:

O estágio, nos moldes tradicionalmente assumidos nos cursos de formação de professores, não tem permitido contribuir para a análise

crítica da prática docente em sala de aula e não tem conseguido formar uma cultura ou atitude docente que consiga superar a cultura escolar que ainda carrega vícios de uma perspectiva tecnicista e conservadora da educação.

Colaborando, Barros, Silva e Vásquez (2011) sublinham que o estágio supervisionado conduz a formação do docente perante o processo de construção e reconstrução enquanto discente, na busca de uma aprendizagem efetiva dos alunos através do diálogo, superando barreiras, descobrindo e construindo uma prática educativa. Paulo Freire (1996) em suas obras mostra preocupação com a formação dos professores e destaca a importância da formação do professor para qualquer mudança educacional, sobretudo na qualidade do ensino. Também fala sobre os “saberes necessários à prática educativa”, que pode ser traduzida como:

“[...] os saberes necessários ao educador para a construção da escola autônoma [...] escrito com base nas dificuldades que ele havia encontrado na prefeitura de São Paulo na implementação de suas teorias educacionais, justamente a formação do professor. E não se tratava de qualquer formação, era uma formação baseada em princípios e valores que ele apresenta no livro”. (GADOTTI, 2007, p.40).

Gadotti, no trecho acima, vem reforçar a ideia de Freire, que é a necessidade da formação do professor, formação esta que não é isoladamente acadêmica, mas também pessoal e até utópica, ponto chave para uma eventual mudança na qualidade do ensino. A formação do professor, conforme Freire, se inicia no estágio e tem sequência na formação continuada:

A professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade; a maneira consistente com que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa ser autenticamente vivido. (FREIRE, 1996 p.127).

Paulo Freire (1996) propõe o seguinte questionamento aos seus leitores *O que o professor precisa saber para ensinar?*, e a partir desta interrogação desenvolve a ideia de que o mais importante não é o que saber para ensinar, mas sim o que ser para ensinar.

Em Pedagogia da autonomia ele sustenta que, para ser professor, é necessário: rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, ética e estética, corporificar as palavras pelo exemplo, assumir riscos, aceitar o novo, rejeitar qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecer e assumir a identidade cultural, ter consciência do inacabamento, reconhecer-se como um ser condicionado, respeitar a autonomia do ser do educando, ter bom

senso, ser humilde, tolerante, apreender a realidade, ser alegre e esperançoso, estar convicto de que mudar é possível, ser curioso, ser profissionalmente competente, ser generoso, comprometido, ser capaz de intervir no mundo. (GADOTTI, 2007, p. 43).

Freire (1997) conclui afirmando a necessidade da formação continuada do professor, referindo-se à reflexão crítica sobre a prática, para que a partir da reflexão do hoje possa-se melhorar a próxima prática. Reafirmando a importância da formação crítica do professor, Gadotti (2007, p.46) defende: “o conhecimento é uma informação contextualizada, e não há saber sem um contexto...”

Esta formação crítica, baseando-se nas obras de Paulo Freire, gera uma coerência entre a prática adotada por ele e suas ideias, além de formar um professor que irá adequar-se e transformar a realidade de forma significativa, e não apenas reprodutores de suas ideias. Gadotti (2003, p.5) corresponde ao mesmo pensamento:

A nova formação do professor deve basear-se no diálogo e visar à redefinição de suas funções e papéis, à redefinição do sistema de ensino e à construção continuada do projeto político-pedagógico da escola. O próprio professor precisa construir também o seu projeto político-pedagógico.

Utilizando Paulo Freire (1997), mais especificamente o capítulo *A quarta carta*, algumas características são relatadas como imprescindíveis para um melhor desempenho dos professores progressistas. A primeira qualidade é ser humilde, que é descrito como o respeito a si e ao outro:

A humildade nos ajuda a reconhecer esta coisa óbvia: ninguém sabe tudo; ninguém ignora tudo. Todos sabemos algo; todos ignoramos algo. Sem humildade dificilmente ouviremos com respeito a quem consideramos demasiadamente longe de nosso nível de competência. Mas a humildade que nos faz ouvir o considerado menos competente [...] (FREIRE, 1997, p.37).

Somando-se à humildade do ser professor, Freire cita a amorosidade: “é essa a forma de amar indispensável ao educador progressista e que precisa de ser aprendida e vivida por nós” (FREIRE, 1997, p.38). Esta qualidade refere-se à relação com seus alunos e o amor ao processo de ensinar, que dá significado às lutas diárias presentes na formação do professor, às injustiças, ao descaso do poder público, à coragem para defender nossas opiniões e defender uma educação crítica e emancipadora aos educandos:

[...] ao pôr em prática um tipo de educação que provoca criticamente a consciência do educandonecessariamente trabalhamos contra alguns

mitos que nos deformam. Ao contestar esses mitos enfrentamos também o poder dominante, pois que eles são expressões desse poder, de sua ideologia. (FREIRE, 1997, p. 39)

A tolerância é outra virtude essencial para o desempenho da docência, é por meio dela que convivemos, respeitamos e aprendemos com o diferente. Para Freire (1997), a tolerância requer respeito, disciplina e ética. Além dessas virtudes/qualidades para um bom desempenho do professor, Freire também cita, no mesmo capítulo, a decisão em oposição à indecisão – a ruptura do que ensinar e como ensinar -, a paciência e a segurança em oposição à impaciência e à insegurança. No próximo tópico, será destacado a Escola Cidadã como o espaço ideal para trabalhar essas virtudes e desenvolvê-las em conjunto com os alunos.

2.2 ESCOLA CIDADÃ

Paulo Freire (1997) enfatiza e defende a escola pública, que nenhum país se desenvolveu sem uma boa escola pública, que esta é a escola da maioria, das periferias e dos cidadãos que só podem contar com ela, que a escola pública do futuro tem por objetivo oferecer possibilidades concretas de libertação para todos, uma escola cidadã. Reforçando o pensamento de Freire, legitima Gadotti (2000, p. 252)

É dever da escola ser cidadã e desenvolver na sociedade a capacidade de governar e controlar o desenvolvimento e o mercado. A cidadania precisa controlar o Estado e o Mercado, verdadeira alternativa ao capitalismo neoliberal e ao socialismo burocrático e autoritário.

A escola é vista como lugar de relações. Freire (1997) deixa claro que é na escola que as relações sociais e as interações são firmadas, a escola é o espaço único onde se aprende a conviver com o novo e o diferente. Seguindo o pensamento de Gadotti (2007, p.12), “A escola não é só um lugar para estudar, mas para se encontrar, conversar, confrontar-se com o outro, discutir, fazer política. ”

O conceito da Escola Cidadã nasceu no final da década de 1980, em um contexto de renovação educacional, sobretudo no âmbito da escola pública municipal. Para Freire,

A Escola Cidadã é aquela que se assume como um centro de direitos e de deveres. O que a caracteriza é a formação para a cidadania. A Escola Cidadã, então, é a escola que viabiliza a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela. Não pode ser uma escola cidadã em si e para si. Ela é cidadã na medida

mesma em que se exercita na construção da cidadania de quem usa o seu espaço. A Escola Cidadã é uma escola coerente com a liberdade. É coerente com seu discurso formador, libertador. É toda escola que, brigando para ser ela mesma, luta para que os educandos-educadores também sejam eles mesmos. E como ninguém pode ser só, a Escola Cidadã é uma escola de comunidade, de 5 companheirismo. É uma escola de produção comum do saber e da liberdade. (FREIRE *apud* GADOTTI, 2002, p. 11-12).

Com base no fragmento do texto acima, a escola cidadã rompe com a estrutura educacional da escola tradicional, na qual a autoridade e a educação bancária predominam.

Na escola cidadã há vários fatores que favorecem o processo educativo, o primeiro ponto é a questão social: onde a escola está inserida? Qual é o bairro? Como a escola é vista pela população? E a participação dos pais no dia a dia da escola? O segundo ponto é o planejamento participativos, que envolve a comunidade, os alunos e a escola (funcionários, alunos, pais, professores e gestores).

Segundo Azevedo (2007), a escola pública brasileira sofreu influências da Revolução Industrial e da sociedade norte-americana, gerando um currículo que suprisse a demanda fabril, com o objetivo de formar cidadãos clientes, ou seja, consumidores:

No sistema educacional, a cultura da mercantilização faz-se presente pela tentativa de introduzir na escola os valores e a linguagem empresarial. Produtividade, qualidade total, vantagens comparativas, centros de excelência, bem como outros termos de uso básico no vocabulário do mercado (AZEVEDO, 2007, p.12).

A escola cidadã vem mudar essa visão de mercado tecnicista para uma pedagogia humanista, que visa formar o cidadão de forma autônoma e crítica. Paulo Freire utiliza em suas obras, como sinônimos da escola cidadã, o conceito de escola democrática, em que as diferenças são aceitas e trabalhadas de forma a tornar o educando emancipado, crítico e reflexivo.

A escola Cidadã teve impulso com a experiência de Paulo Freire na Secretária de Educação de São Paulo nos anos de 1989-1992 através do movimento da escola pública popular, que espalharam pelas regiões do país práticas e concepções emancipatórias:

Na Escola Cidadã, vivem-se valores de caráter emancipatório, que geram práticas de cidadania em seu cotidiano - por isso é

uma escola "pela" e "para" a cidadania. A participação é meio e fim para as conquistas coletivas, para a consciência do coletivo, e, nesse sentido, para a cidadania plena. A liberdade é outro valor, que está na essência do projeto Escola Cidadã: liberdade para se organizar, para a ação política, para a elaboração intelectual, para a crítica (CARVALHO, 2012, p. 4).

Na escola cidadã, ainda em Carvalho (2012), a criatividade é aflorada pelos sujeitos, assim como a humanização, a consciência, a interação com o próximo. A autonomia é outro aspecto citado como fundamental para a criação da liberdade, mas sem perder a característica coletiva e nem adotar o individualismo, além de se ter o compromisso com a ética em defesa da vida, da garantia do sujeito de direito e ampliação destes direitos.

Refletindo sobre estas citações acima, podemos perceber expressões que caracterizam a escola cidadã, como cidadania, liberdade, coerência, democracia, participação, humanização - adjetivos que se espera de uma sociedade, de um cidadão. Apesar da realidade atual ainda não ser satisfatória, é de longo prazo que se tenta pôr em prática uma educação que tem como objetivo a emancipação dos educandos e educadores no processo de ensino e aprendizagem, tornando um processo mais significativo e coerente.

Com base neste referencial, podemos afirmar que o NEI-CAP se enquadra no perfil da Escola Cidadã, uma vez que é pública, sua pedagogia tem por objetivo formar cidadãos críticos no que se refere à cultura e aos processos que os rodeiam, tornando-os sujeitos emancipados e sociais. Como o aluno é visto como sujeito singular e tem suas individualidades respeitadas, o processo educativo gera a inclusão e uma aprendizagem significativa.

3 O ESTAGIÁRIO E A ESCOLA

Como ponto de partida para concretização deste estudo, realizou-se o primeiro contato, no dia 19 de agosto de 2014, com a coordenadora da Escola NEI, Adeli Guimarães Ubarana Santos, para conhecer a Instituição, no que tange as bases metodológicas, a estrutura física e os espaços disponíveis para as atuações. Com esse encontro, decidiu-se por agendar dois dias para estudo de textos (“O currículo em Movimento”, de Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo, texto retirado da dissertação de mestrado *Recortes e Relatos: a criança de 2 e 3 anos no espaço escolar*; “Livros didáticos 1 – O ensino da Arte e Educação Física na infância” e “Elementos construtivos do fazer docentes – ensino da Educação Física”), de relatórios de experiências anteriores (Turma 1 – relatório/Matutino/ 3º bimestre – no período de agosto a setembro de 2013; e a turma do 3º ano/ tarde no período – fevereiro a abril de 2012) e da estrutura dos blocos nos quais são incluídos os conteúdos e os temas a serem utilizados no processo, como as orientações repassadas aos pais no ato da matrícula.



Figura 1: Pátio principal do NEI e entrada para salas de aulas.
Fonte: do autor.

Esses dois dias de estudo foi fundamental para apropriar-me da proposta de trabalho do NEI-Cap, das funcionalidades da escola e das formas de interações entre os alunos e o processo de formação. Nos relatórios anteriores e demais aporte teórico, foi possível destacar a visão humanista e emancipatória no projeto político-pedagógico, sendo útil para melhor realizar as observações e intervenções nas aulas ministradas pelo e com o supervisor.

Após os estudos, seguiu-se dois dias para as observações e as intervenções. Esse momento se deu em conjunto com o professor de Educação Física, que atuou também como meu supervisor durante o estágio. O primeiro contato com os alunos foi um clima de apresentação. O professor de Educação Física e a professora da turma explicaram às crianças quem eu era – um estranho para eles – e qual minha função na escola, mostrando para as crianças que elas estavam fazendo parte da minha formação docente.

As salas de aulas são divididas por “cantinhos” – de leitura, da roda inicial e final, dos brinquedos. Cada “cantinho” tem seu horário e momento adequado, isso de acordo com o horário e a meta do dia que são combinados durante a roda inicial. Com este exemplo de respeito aos alunos, identifiquei elementos da Escola Cidadã ou Escola Democrática - respeito, coerência, democracia e participação. Aqui, os alunos são tratados com prioridade e não como apenas componentes da instituição.

Após esse primeiro contato, que se estendeu no período de 26 a 29 de agosto de 2014, foi agendado os dias para planejamento dos conteúdos. No dia 03 de setembro foi realizado o 1º planejamento com o professor de Educação Física, no qual selecionamos os conteúdos, os objetivos, o método e a avaliação do ensino infantil (sendo revisto para a intervenção no dia 13 de outubro). Já no dia 05 de agosto, realizamos o planejamento para o Ensino Fundamental, havendo outros encontros conforme necessidade de adições ou alterações nestes planejamentos.

Cada conteúdo escolhido passa por votações entre as turmas, sempre buscando uma ligação com o tema estudado no trimestre, de modo a realizar uma contextualização do conteúdo ensinado/aprendido. Esta metodologia adotada não é comum nas escolas, no entanto, é excelente modelo para obtermos um aluno e futuro cidadão consciente e emancipado, pois gera uma autonomia e um compromisso por parte dos alunos desafiadora. Esse processo de estudo é guiado e orientado pelos professores, proporcionando experiências educacionais adequadas à realidade de cada turma ou comunidade escolar.

Também conhecido como “tema gerador” ou “palavra geradora”, como proposto por Sônia Kramer e Madalena Freire, essa metodologia busca ligações através das experiências de vida e vivências socioculturais das crianças. Ou, continuando com Rêgo e Pernambuco (2001, p.4), propõe “garantir o acesso a experiências, onde possam expressar, ampliar e atualizar suas ideias, conhecimentos e sentimentos”

Os pais têm fundamental importância nesse processo de aprendizagem, visto que a escola abre espaço para a participação direta desses atores – uns ensinam algo sobre culinária, outro sobre música, sobre profissões, de acordo com as necessidades ou temas de estudo da escola, sendo fácil para a criança criar laços entre a escola, a família e o seu dia a dia. Experiência a qual não é muito fácil de concretizar, devido aos afazeres cotidianos da família, mas deixando clara a importância dessa participação na formação dos seus filhos. A educação passa a ter um sentido mais amplo para o aluno, pois ele interage de forma homogênea entre sua vivência dentro e fora do espaço escolar. E, para os pais, um sentido de efetiva participação na educação formal, aumentando os laços familiares, tornando o espaço escolar cada vez mais saudável e prazeroso para a formação destes alunos.

Além da participação dos pais, outro fator que reforça a adjetivação de uma escola cidadã é a interação entre os funcionários, desde o acolhimento dos alunos na portaria, como a relação com o jardineiro, o zelador, formando uma comunidade educacional onde a escola não é apenas alunos, professores e gestores, mas todos que fazem parte deste universo, em suas devidas funções, exercendo o papel de educador e formador de cidadãos.

O NEI diverge também da maior parte das escolas da rede pública em relação ao cuidado e a quantidade de professores/cuidadores por turma. Normalmente no NEI são duas professoras por turma, mais estagiários. Caso tenha algum aluno com necessidade especial, há mais um professor/cuidador. Essa realidade facilita no planejamento e na execução das atividades, principalmente com as faixas etárias menores e com o auxílio dos alunos de necessidades especiais.

4 O ESTÁGIÁRIO E O SUPERVISOR

O professor de Educação Física e supervisor do meu estágio, Moaldecir Freire Domingos Júnior, foi de fundamental importância, juntamente com meu orientador Antônio de Pádua Santos, no desenvolvimento deste trabalho. Ambos têm a formação continuada como objeto de estudo na docência, frisando a importância da reflexão sobre as práticas realizadas como discentes e incentivando a constante atualização do conhecimento já adquirido. Para melhor descrever as experiências com o supervisor, dividirei as práticas em dois grupos: ensino Infantil e Fundamental I.

4.1 ENSINO INFANTIL

O grande desafio do Ensino Infantil é ser a referência dentro da sala de aula para as crianças que estão aprendendo a conviver em sociedade. A escola é o primeiro espaço que a criança se vê sem os pais por perto, sendo um processo que exige paciência por parte dos professores que atuam nesse nível de ensino.

A identidade da educação infantil oscila entre uma instituição de atendimento à demanda de assistência às crianças, na ausência da família, e uma instância preparatória para o ensino fundamental, tendo em vista o fracasso escolar registrado nas séries iniciais desse segmento. (GUIMARÃES, GUEDES e BARBOSA, 2013, p. 244 e 245).

Nesta etapa do trabalho, foram ministradas um total de três aulas com a Turma I do Ensino Infantil. O tema estudado por eles era *O Lobo*. As atividades, ou melhor, as brincadeiras, eram sobre lobos ou adaptadas para incluirmos algo sobre lobos nelas. No dia 29 de agosto de 2014 foi iniciada as intervenções com coparticipação em sala de aula. As aulas foram orientadas através de músicas infantis e brinquedos cantados, propiciando um ambiente agradável. Conforme Brougère (1995), a infância é uma fase de apropriação e imitações de imagens. Associando brincadeira e cultura, considera a brincadeira como resultado de uma cultura específica e da própria cultura.

Foi planejado, como norte nas aulas com o infantil, a brincadeira “Tá pronto, seu lobo?” – uma adequação do “tica”, onde as crianças desenvolvem a fala, a imaginação e a autonomia. Nessa brincadeira a criança que representa o lobo tem que responder quando perguntado “tá pronto, seu lobo?”. Se responder que sim, a criança/lobo deve tentar alcançar algum participante. Caso responda não, a criança/lobo

deve dizer o que está fazendo, como “estou escovando os dentes”, até ficar pronta e correr para “ticar” as outras crianças.

Durante a atividade foi constatado que algumas crianças tinha autonomia para responder à brincadeira, em outros casos foi necessário o auxílio do professor.

Com essa experiência ficou claro o texto *Cuidado e cultura: propostas curriculares para o trabalho com crianças de até três anos*, de Daniele Guimarães, Adriane Ogêda Guedes e Silvia Néli Barbosa (2003), que utilizei como base no relatório quando citado a inseparabilidade entre educar e cuidar. Ao mesmo tempo em que o educador se preocupa com a aprendizagem e a forma de transmissão do conteúdo, há uma preocupação com a segurança, com a higiene, com a alimentação, etc. A infância é um período em que as crianças estão ligadas exclusivamente aos pais, visto que a partir do ingresso da criança na escola – nos anos iniciais – há uma quebra dessa ligação exclusiva de pais e familiares e entra uma nova referência, o professor. Este, por sua vez, necessita de um preparo e um mecanismo para o qual o aluno sintá-se acolhido e desenvolva da melhor maneira possível as atividades escolares.

A segunda aula e a terceira tiveram como base a brincadeira “Lobo sai da toca”, na qual utilizamos colchonetes coloridos para simbolizar as tocas onde as crianças deveriam fazer as transições imitando um lobo. Utilizando o conhecimento adquirido em sala de aula, e respeitando as crianças como “sujeito-criança”, [...] “frisando com atenção aos sentidos das crianças e as práticas culturais que acontecem de modo entrelaçado no cotidiano da educação infantil” [...] (GUIMARÃES, GUEDES e BARBOSA, 2013, p. 247), os alunos acrescentaram a imitação do coelho, pois tinham aprendido que lobo come coelho (ilustração na imagem 2).

Na primeira aula, realizamos uma atividade bastante simples, as crianças tinham apenas que se deslocar de um colchonete para o outro. A partir da segunda aula, adicionamos sons e gestos dos animais, pulos dos coelhos, sons dos lobos, “quem é coelho pula e quem era lobo uiva para se deslocar”, foi sugerido pela professora de sala. Ao final da aula, eu e o professor Moaldecir Freire Domingos Júnior analisamos o desempenho da turma e de algumas crianças que mostraram alguma dificuldade no início de cada aula e a evolução com o seu término. No fim da terceira aula, as crianças conseguiram avançar na aprendizagem cognitiva e motora consideravelmente bem.



Figura 2: Brincadeira coelho sai da toca.

Fonte: do autor.

A pedagogia e a metodologia utilizada na escola chama a atenção para a autonomia e a liberdade orientada que as crianças têm. Mesmo sem o domínio da leitura, as crianças têm acesso direto aos livros de contos e de histórias infantis em sala de aula, tem o momento da “historinha”, mas não é apenas neste momento que elas podem pegar os livros, este acesso fácil aumenta a curiosidade das crianças pela leitura desde cedo. Ademais, as crianças participam da chamada coletiva, participam da elaboração do cronograma diário de aula.

Com estas aulas e o planejamento foi possível ter uma visão ampla do ser professor/cuidador no Ensino Infantil, e que desde muito cedo cada criança apresenta sua individualidade, sua cultura e necessidades, portanto, o professor precisa ter atenção com esses fatores para que de forma coletiva possam desenvolver as habilidades dos alunos, respeitando sempre suas individualidades e seu tempo de aprendizagem.

4.2 ENSINO FUNDAMENTAL

No dia 26 de agosto foram iniciadas as intervenções de coparticipação com a turma do 1º ano, que estava trabalhando o tema lutas – lutas com espadas. O tema foi abordado num contexto teatral, O Reino do Dragão e do Tigre, por meio de representação de lutas com espadas – fabricadas pelo professor Moaldecir Freire Domingos Júnior com pedaços de cano, macarrão (usado para flutuação) e fita adesiva. A turma foi dividida em grupos em que haviam samurais, guardas reais, princesa (do reino dos Tigres) e príncipe (do reino dos Dragões).

O encerramento do tema foi discutido em conjunto com as professoras, o professor de educação física e os alunos, reafirmando o que foi exposto acima sobre a metodologia de ensino presente na instituição, que intenciona colocar os alunos como sujeito ativo das ações educacionais e sujeito transformador da realidade através da uma aprendizagem significativa. A esse respeito, discorre Freire (1996, p. 26), nas condições de verdadeira aprendizagem, “os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo”. (FREIRE, 1996, p. 26).



Figura 3: Lutas de espadas, 1º ano do fundamental.

Fonte: do autor.

Foram planejadas e ministradas três aulas no Ensino Fundamental, sendo elas aplicadas com as turmas do 2º e 3º ano A, totalizando seis aulas. As aulas foram sobre o basquete, noções de espaço e de posicionamento em quadra. O interesse sobre estes

temas foi percebido por mim e pelo supervisor Professor Moaldecir Freire Domingos Júnior e, a partir desta observação, foram montadas as aulas.

Nas primeiras aulas (dias 30/09 e 07/10 de 2014), um com o 2º e outra com o 3º ano, juntamente com o supervisor, confeccionamos um desenho da quadra de basquete para materializar o tema proposto. Utilizamos cartolina e tampas de garrafas pet, para simbolizar os alunos e explicar a dinâmica do jogo. A aula ocorreu na seguinte sequência: roda inicial, em que explicamos a aula e discutimos a problemática; atividade, em que traçamos dez círculos na quadra, ligando uma cesta a outra; e roda final, na qual retomamos a problemática e discutimos com as crianças se o objetivo da aula foi alcançado.

Para a realização da atividade, duas crianças de cada time deveriam ficar em um dos círculos desenhados. A cada cesta feita pelos alunos, independente do time, as crianças mudavam de círculo para que as outras pudessem mudar de posição na quadra e terem a oportunidade de arremessar a bola. Após, as crianças poderiam jogar sem as marcações.



Figura 4: Desenho da quadra de basquete para ser explicadas a dinâmica da aula e materializar o tema proposta.

Fonte:do autor

A proposta da aula foi bem aceita pelos alunos. Comparando com o texto produzido por Araújo e Melo (2005), o qual tomei por base em minhas referências, pude observar um contraste e ao mesmo tempo semelhanças na realização da aula. Em relação ao contraste, Araújo e Melo relatam uma passividade inicial – “conformismo” dos alunos nos primeiros momentos com a metodologia de aulas abertas -, contudo, no NEI, essa proposta é facilitada por ser tratar de algo presente no ensino das crianças. Elas desenvolvem desde cedo senso crítico e posicionamento ativo frente às problemáticas, tornando-se participativas e proativas. A semelhança refere-se aos relatos sobre o andamento da aula, da reprodução e da recriação do jogo que, por sua originalidade, possibilita que os alunos sejam atores da atividade e não meros reprodutores de um jogo estabelecido previamente.



Figura 5: Basquete, 2º ano A do Ensino Fundamental
Fonte: do autor

Não houve uma aula com regras oficiais e nem um direcionamento para a competitividade, porém foi feito um trabalho usando o basquete como meio para demonstrar as responsabilidades sociais e atitudinais, respeito, compreensão, coletividade. Na avaliação pós-aula, foi detectado dificuldades quanto ao domínio da turma, algumas crianças se dispersaram, assim como em comparar os momentos da aula com os alunos.

No dia 07 de outubro, dando continuidade a esta aula, foi utilizado novamente o desenho da quadra e as marcações, sendo modificadas as regras, a fim de corrigir alguns detalhes que dificultaram o desenvolvimento da aula anterior e progredir no conteúdo. Em vez de ficarem duas crianças dentro do círculo, agora fica apenas uma criança. O “time” que está de posse da bola tem que ficar dentro do círculo e o “time” sem a bola fora do círculo. Para manter o rodízio da aula anterior e todas as crianças arremessarem a bola, os círculos não poderiam ser invadidos por nenhuma criança. Nesta aula também foi realizada a sequência da roda inicial, atividade, aula prática e roda final. Também foi feita a comparação entre o jogo com o limite dos círculos e sem os limites, para que cada criança pudesse dar a sua opinião. Esta aula tornou-se mais fácil de ministrar, devido ser uma continuação e as crianças já terem noção da dinâmica e estarem mais ciente do espaço e localização para melhor passar e receber a bola.

Na avaliação pós-aula, foi constatado um maior domínio da classe, embora duas crianças continuassem dispersas. As regras foram explicadas de maneira mais clara, assim como a comparação entre as atividades, de modo que os alunos associaram mais facilmente os momentos da aula. Após essa aula, o professor da turma e supervisor, Moaldecir Freire Domingos Júnior, constatou o interesse dos alunos quanto aos nomes e funções dos jogadores em quadra. A partir disso, foram planejadas as aulas seguintes com base neste assunto.

Com os alunos do 2º ano B trabalhamos a temática ginástica. Num primeiro momento, utilizamos bambolês, para que os alunos criassem movimentos através da memória corporal e seus conhecimentos prévios, de acordo com Defontaine apud Oliveira (2001, p. 28):

[...] a psicomotricidade tem como objetivo desenvolver o aspecto comunicativo do corpo, o que equivale a dar ao indivíduo a possibilidade de dominar seu corpo, de economizar sua energia, de pensar seus gestos a fim de aumentar-lhes a eficácia e a estética, de completar e aperfeiçoar seu equilíbrio.

O tema ginástica também foi trabalhado com os alunos do 1º ano B, mas com uma proposta diferente. Devido uma chuva, a aula foi sobre rolamento. Cada aluno demonstrou seu rolamento e tentou realizar um rolamento esteira – todos os alunos deitam um ao lado do outro, é escolhido um aluno que deitará em cima do colega e irá se deslocar, através da rotação do corpo dos alunos que ficam embaixo, até alcançar a outra ponta da fila.

Ainda utilizando a psicomotricidade, o ensino da ginástica com essa turma foi bem agradável, pouco alunos tiveram dificuldade para realizarem os rolamentos. Conseguimos perceber, através da individualidade, os distintos repertórios motor, desde os que ousavam em mais de um tipo de rolamento até os que não conseguiam e precisavam da ajuda do professor.

Dentro do tema de estudo Olimpíadas, foi realizado aulas de atletismo, ginástica, salto em distância e em altura, sendo este último o mais gratificante e prazeroso, devido ao desempenho das crianças. Inicialmente, realizamos saltos no parque utilizando colchonetes e uma corda como obstáculo a ser ultrapassada apenas na segunda aula. O professor conseguiu quatro pneus, que estimulou e deu mais confiança aos alunos na realização dos saltos e das quedas, melhorando, por conseguinte, o desempenho da turma. De acordo com Piccoli (2005), a Educação Física é fundamental para o desenvolvimento global, através da prática da ginástica, dos jogos, do esporte, da dança e da luta, possibilitando um processo formal ao quais as crianças são inseridas.

No ensino fundamental I foram visíveis a evolução das crianças. Algumas não conseguiam realizar o movimento num primeiro instante (rolamentos ou saltos) e outras tinham facilidades. Estas tinham a satisfação em incentivar e ajudar aquelas, sendo nítido um sentimento de coletividade e companheirismo. Ao final da segunda aula sobre o tema, todos, a seu modo, realizavam as atividades e evoluíam o seu repertório motor.

Durante todo esses processos de planejamento e de aplicação das aulas foi de muita valia o auxílio das professoras de salas na minha formação conceitual sobre interdisciplinaridade, já que elas são pedagogas e têm uma formação acadêmica diferente da de Educação Física.



Imagem 6 -Salto em altura.
Fonte: do autor.

5 AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO

Nos dias 11 e 12 de dezembro de 2014 foi realizado o II Seminário do Estágio Supervisionado do NEI, no qual os estagiários das diversas áreas compartilharam suas experiências com os demais estudantes e convidados. Previsto em cronograma desde o início da disciplina, esta foi a última avaliação para a conclusão do estágio. O aluno junto com o supervisor elabora um artigo sobre seu estágio, relatando suas experiências neste processo, proporcionando um momento de interação e reflexão sobre o estágio, estimulando o ato de pesquisar e publicar em eventos. O artigo elaborado por mim e o professor de Educação Física foi sobre o *Jogo no ensino fundamental*, onde foi exposta a importância do jogo no Ensino Fundamental I, através das aulas de basquetes ministradas.

Este tipo de avaliação é importante para que haja uma reflexão crítica sobre a prática e um aporte teórico sobre sua área, retirando o velho jargão “da prática pela prática” na educação física escolar, mostrando que o professor sempre terá que está atualizado e acompanhando as mudanças sociais e culturais que influenciam na aprendizagem e na sua formação pessoal. Além de estimular os estagiários a participarem de eventos e congressos ligados a sua área e produzirem artigos científicos, é uma forma de registrar e arquivar experiências que futuramente serão usadas como parâmetros para novas intervenções.

O evento teve uma programação de dois dias, como minicursos, apresentações dos artigos dos estagiários e uma roda de conversa com os professores convidados. Ao final do seminário é percebido a importância deste compartilhamento de ideias e conhecimento para todos os presentes, e não só para nós estagiários, tanto a gestão como os professores e convidados são beneficiados, já que é um momento de análise coletiva do que foi bom e do que pode ser melhorado para o próximo ano.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fui contemplado com a possibilidade de realizar este estágio em uma instituição de referência nacional e com propostas pedagógicas ideais, não direi que é a melhor e nem a única, no entanto apresenta um conjunto de metodologia que favorecem a aprendizagem de seus alunos, conseguindo unir teoria e prática, senso crítico, autonomia, prazer em aprender. Ao entrar e sermos recepcionados, logo percebi que cada um, no seu papel fundamental (porteiros, zeladores, cozinheiros, estagiários e demais na escola), exerce o papel de educador através do respeito, do cuidado e de uma harmonia dentro do seu espaço de trabalho, isto é constatado ao se observar a chegada e saída de alunos, dos pais, dos funcionários e dos visitantes.

O ambiente escolar não deveria ser restrito a sala de aula, como se é percebido no ensino básico “tradicional”, e nem os professores serem os únicos responsáveis pela educação. O método avaliativo também deveria ser menos classificativo e mais inclusivo. Boa parte da minha aprendizagem foi realizada nas observações antes do início do horário de aula. Crianças que não excluem outra mediante alguma dificuldade e se unem para solucionarem a questão, um exemplo prático, dentre vários, foi o caso de uma aluna cadeirante com dificuldades na aula de basquete que contou com o apoio dos colegas nos intervalos das aulas, antes do horário e no lanche.

O ambiente escolar é visto como um espaço de interação e de aliança, coisas difíceis de ser percebida em outras realidades educacionais. A tão difícil interdisciplinaridade é realizada, ações em conjunto visando um mesmo objetivo, a educação significativa, a igualdade, um projeto político pedagógico atuante e sempre em análise. Retomando a questão da avaliação, esta como meio de feedback para estar sempre em processo de adaptações e ajustes, onde são avaliados professores, coordenação, direção, os funcionários são ouvidos e os pais também participam da construção de uma educação sólida.

Com o exposto acima, ficam claras as alternativas de ensino e que a formação do professor contribui para um melhor ensino, uma formação continuada, tema que fica para um estudo futuro que pode complementar este.

Apesar de ser uma escola modelo, e algumas pessoas falarem que não condiz com a realidade das escolas públicas que iremos trabalhar quando formos profissionais, é possível observar e colocar em práticas métodos e pedagogias alternativas, além da já existente, mesmo que não haja condições financeiras, espaciais e humana parecidas com

a do NEI. Adequando a nossa realidade podemos, enquanto professor e educador, proporcionar vivências aos nossos alunos para que eles participem ativamente da educação.

Por mais difícil que possa ser, convidar os pais para participarem da aula de educação física, pelo menos uma vez no semestre, chamar a responsabilidade para si e se justificar menos, nenhuma escola será perfeita, porém precisa-se de dedicação – principalmente do professor - na realização desde as tarefas mais simples em sala de aula para que o aluno sintá-se parte deste processo educacional.

Os principais pontos deste estágio que posso descrever como primordiais na minha formação são:

- Organização, desde o primeiro contato tudo o restante das atividades foi previamente planejado;
- Respeito com todos, alunos, estagiário e professores, uma integração dentro do ambiente escolar;
- Harmonia, havia um sentimento de companheirismo entre todos, não é percebido receios por fiscalização, não há necessidades de cobranças.
- Dedicação para realizar, da melhor forma possível, sua atividade.

Com isso posso afirmar que, além dos textos lidos, as aulas vivenciadas no estágio me proporcionaram uma convívio com pessoas (do NEI e com orientador e supervisor) que influenciaram positivamente na minha identidade profissional, enquanto educador/professor, pois foi transmitido além de conhecimento acadêmico, foi compartilhado bom senso, amizade e coletividade. Então não há como realizar um processo educativo sem ter uma visão humanista e pôr em práticas não só esses pontos citados acima, mas também prazer em realizar a docência.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D., HANESIAN, H. **Psicologia Educativa**: un punto de vista cognoscitivo. México: Trillas, 1983.

EFDEPORTES.COM, Revista Digital. Buenos Aires - Año 18 - Nº 181 - Junio de 2013
Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

EFDEPORTES.COM, Revista Digital. Buenos Aires, Año 16, Nº 159, Agosto de 2011.
Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 18 mar.2015

FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes *et al.* **Prática de ensino em educação física**: estágio supervisionado. Rio de Janeiro:Guarabira, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra,(1996.).

FREIRE, J.B;ALCIDES, J. **Educação como prática corporal**, SCIPICONE, 2003

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar-aprender com sentido. São Paulo: GRUBHAS. 2003.

GUERIERO, D. J.; ARAÚJO, P. F. A. **Educação física escolar ou esportivização escolar**. Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - Nº 78- Noviembre de 2004.
Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd78/esportiv.htm>>.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 2. ed. São Paulo: perspectiva, 1980.

KUNZ, E. **Educação Física**: ensino e mudanças. Ijuí: UNIJUÍ, 1991

MOREIRA, A.F.B. **Os parâmetros curriculares nacionais em questão**. Educação & Realidade, v.21, n.1, p.9-22, 1996.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 304 p.

OLIVEIRA, M.A.T. **Educação do Corpo na Escola Brasileira**. Autores Associados, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.